

História oral e a busca por fazer história

PEDRO AUGUSTO VIEIRA DA SILVA¹; DIOGO FRANCO RIOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – pedroaugustovs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riosdf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A área da educação está sempre em constante mudança, por mais que todas as áreas de conhecimento passem por mudanças o conceito de “ensinar” recebe visibilidade ímpar quando comparado com outras áreas. Provavelmente por passarmos tanto tempo reavaliando as maneiras mais efetivas de fazer com que um aluno desenvolva determinado saber que ainda podemos achar espaço para evoluir e nos desenvolver. Partindo desse princípio eu, enquanto bolsista da FAPERGS, e outros membros do projeto, **“Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas”**, começamos a buscar modos de fazer história que pudessem acompanhar de maneira dinâmica as mudanças que a educação parece seguir.

É importante ressaltar que todos métodos de se fazer história são válidos dentro de suas determinadas propostas, entretanto era preciso uma busca que dialogasse com a realidade do momento estudado. Foi então que nos deparamos com FERREIRA (2002) onde é citado o uso da história oral como o “trabalho de depoimentos orais como instrumento para preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas” e vimos nisso o potencial que buscávamos para um estudo da história que acompanhava não só o que estava nos cadernos de classe ou nos documentos oficiais, mas também a visão de quem estava inserido dentro desses momentos.

Dessa forma vimos então uma possibilidade de, dentro da região sul do estado, a qual estamos mais vinculados devido ao foco dos estudos do projeto, poder ter novas visões sobre acontecimentos que tiverem impacto relevante na educação a partir da ótica de quem estava sendo parte ativa desse momento histórico.

Sendo assim buscamos com esse trabalho apresentar algumas conjecturas em relação a história oral.

2. METODOLOGIA

A primeira coisa que nos atentamos é que a história oral funciona surpreendentemente bem para estudos como os do nosso projeto, uma vez nossas últimas pesquisas versavam sobre 1930-1970 entretanto levanta junto a essa vantagem a crítica de MATOS (2011) de que enquanto não existem arquivos especializados em história oral toda vez que um historiador busca por um relato sobre determinado acontecimento ele mesmo deve buscar fazer as entrevistas que farão parte dos relatos que ele busca utilizar. Sendo assim MATOS (2011) continua, citando que “história oral possui maior proximidade com o presente, uma vez que depende da memória “viva” e de relatos já efetuados anteriormente” o que em pequena escala e pra um tempo próximo como o estudo sobre uma instituição da cidade de Pelotas nos anos 1950 não seria um problema, mas para levantamentos maiores como um curso que esteve presente em diversas cidades do Brasil ou para um tempo mais distante como 1850 se torna inviável o uso dessas mesmas fontes.

Também devemos sempre ter em mente que, como citado por ALBERTI (2000), os relatos dados pelos entrevistados são “uma entre muitas possibilidades”. Essa reflexão talvez seja a que mais dificulta o uso da história oral no fazer história, uma vez que a visão do entrevistado sobre os fatos ocorridos podem não dialogar 100% com a realidade e na verdade serem exatamente a forma como o indivíduo vê determinado momento. Nesse aspecto o mais importante seria primeiramente buscar mais relatos, avaliar quais informações se cruzam, momentos em comum e presentes em mais relatos possíveis e além disso buscar se refletir sobre as informações recebidas. É claro que a última parte parece meio óbvia, entretanto é importante ressaltar que não se deve levar tudo ao pé da letra, cada novo relato pode lançar uma nova luz sobre uma situação a ser estudada, porém as vezes é preciso fazer questionamentos sobre o quão verossímil uma memória pode ser.

Se deve ter em mente também que apesar de citarmos aqui a história oral como sendo entrevistas ou relatos ela como um todo vai muito além disso, músicas são trechos de história oral de uma cultura, contos e fábulas passadas pelas

gerações também dialogam com memória coletiva e são parte da história oral de um local. Focamos mais em relatos porque dentro do projeto acabamos trabalhando com essas fontes juntos da professora Laura Leal, que também é parte integrante do projeto.

Talvez nossa maior dificuldade até então em trabalhar com essas metodologias foi a de sempre depender de mais do que uma fonte pode nos proporcionar, não se pode beber inteiramente da história oral, é preciso buscar fontes que vissem dar suporte para o que se está ali. Nesse ponto temos um leve problema pois devemos utilizar a história oral não como foco principal mas sim como uma complementação de informações para a imagem total, os fragmentos de informação que vamos capturando e podemos então preencher lacunas onde antes estaríamos completamente no escuro ou na melhor das hipóteses largados a suposições. Apesar de tudo isso em casos onde se há uma ausência de fontes primárias a história oral pode constituir talvez a única metodologia para a escrita de uma pesquisa, quando tomamos em consideradas situações como ditaduras onde as fontes primárias são manipuladas relatos das pessoas inseridas nesses momentos são umas das poucas fontes que revela nuances que nunca estarão inseridos em documentos reais. Fazendo da história oral uma metodologia que preenche lacunas mas que por si só constrói a imagem total com todos os fragmentos de informação recuperados através dos materiais utilizados.

3. CONCLUSÕES

A história oral enquanto uma metodologia para se fazer história apresenta assim como todas as outras vantagens e desvantagens ao ser utilizada, entretanto não devemos avaliar ela uma única vez e abandonar seu uso simplesmente por suas dificuldades apresentadas. É preciso que toda vez que buscamos fazer uma pesquisa avaliar o quão bem determinada metodologia se encaixa e o quanto podemos ganhar ao decidir considerar esses relatos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M. M. **História, tempo presente e história oral.** Rio de Janeiro. Topoi. Dez 2002.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. de. (2011). **História oral como fonte: problemas e métodos.** *Historiæ*, 2(1), 95–108.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos & Abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIALHO, L. M. F.; BRAGA JUNIOR, V. R. de S.; MONTE, R. S.; BRANDENBURG, C. **O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará.** *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–13, 2020.

GARNICA, A. V. M. **História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação.** (2009). *Zetetike*, 11(1), 9–56.